

# Intervenção Pedagógica: Sexualidade e Identidade de Gênero na Formação Inicial de Professores de Química.

Washington Marcos Camilo (IC)<sup>1</sup>, Márton Herbert Flora Barbosa Soares(PQ)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>[tommcamilo@gmail.com](mailto:tommcamilo@gmail.com), <sup>2</sup>[Marlon@ufg.com](mailto:Marlon@ufg.com)

*Palavras-Chave: sexualidade, gênero, ensino.*

*Instituto de Química – Universidade Federal de Goiás*

**RESUMO:** A SALA DE AULA É UM ESPAÇO AMPLAMENTE CULTURAL E DIVERSIFICADO, O QUAL PROPORCIONA DIVERSAS SITUAÇÕES EM QUE O PROFESSOR DEVE ESTAR PREPARADO PARA LIDAR. SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO SÃO ASSUNTOS CADA VEZ MAIS PRESENTES NO DIA-A-DIA DE UMA SALA DE AULA, O QUE PODE GERAR GRANDES DISCUSSÕES, DEBATES, E SITUAÇÕES DE OPRESSÃO E BULLYING. NESSE SENTIDO FAZ-SE NECESSÁRIO QUE HAJA UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM QUE O PROFESSOR ENTENDA A RICA DINÂMICA DESSES ASSUNTOS PARA QUE SAIBA COMO MEDIAR ASSUNTOS COMO ESTES E SABER COMO PORTAR-SE DIANTE DE SITUAÇÕES QUE MUITAS VEZES PASSAM DESPERCEBIDAS. ASSIM, ESSE TRABALHO VERSA SOBRE A INTRODUÇÃO DESSES TEMAS NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA EM ENSINO DE QUÍMICA E A RELAÇÃO DELES COM A SALA DE AULA E O PROFESSOR.

## Introdução

Nos anos de 1960 teve início um processo de aprofundamento das mudanças sociais com relação ao comportamento e à sexualidade. Os dois movimentos que mais contribuíram para essas transformações foram o movimento feminista e, mais tarde, os movimentos gay e lésbico (Castro, 2004). As contribuições do movimento feminista foram fundamentais para o desenvolvimento da militância LGBT – gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. A ideia de viver a sexualidade de forma livre trouxe para o movimento LGBT a necessidade de expressar-se também livremente, agora, lutando para viver a sexualidade sem discriminação. Outra ideia feminista de grande importância para o movimento foi a do papel da mulher na sociedade, o que deu foco à discussão de gênero.

Muito se confunde em relação à sexualidade e identidade de gênero. Podemos entender esses conceitos como duas variáveis independentes, na qual uma não é fator determinante à outra: o gênero a qual uma pessoa se reconhece e identifica não influencia em sua sexualidade e, do mesmo modo, sua sexualidade não determina o gênero. Portanto é necessário compreender a diferença e a dinâmica entre a sexualidade e o gênero.

Vivemos em uma sociedade em que o marco do gênero e o papel que o indivíduo terá na sociedade são atribuídos mesmo antes do nascimento, quando se descobre o genital do bebê. Quando os pais tomam conhecimento do genital do bebe,

começa um processo normativo determinante de gênero e também sexual que vai desde a decoração do quarto, cor das roupas e tipos de brinquedos. Normatividade essa que segue através de condutas que essas crianças devem ter baseadas na genital que possui, as quais são mantidas por diversas formas de opressão.

Portanto a ideia de gênero não está pré-determinada no nascimento, segundo Jesus (2012, p.8) *“o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”*. Uma pessoa pode nascer com pênis e se reconhecer no gênero feminino, como também, uma pessoa pode nascer com vagina e se reconhecer no gênero masculino, o que leva em consideração a forma com que a pessoa se vê e se comporta socialmente.

Ainda segundo as ideias de Jesus (2012), entenderemos transgêneros como indivíduos que *“não se identificam com o gênero que lhes foi determinado”* ao nascimento, pessoas transgêneros se expressam e constroem seu gênero diferente da forma com que a sociedade coloca como regra, a qual está ligada ao genital. A partir desse conceito de transgeneridade, somos remetidos a ideia de cisgeneridade. Cisgêneros são pessoas que vivem, constroem e expressam seu gênero de maneira concordante da designada ao nascimento, atrelado ao genital.

Em sexualidade, para Louro (2007), existe um consenso de entendê-la, uma vez que é um campo vasto e com diversas teorias, em um sentimento que vai além do corpo, *“a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidas fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres”*.

Entendendo que a sexualidade é um conjunto amplo de ser e que há diversas maneiras de viver a sexualidade, aqui, trataremos apenas quatro delas que se relacionam com o direcionamento do comportamento afetivo e sexual: Homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e pansexualidade. Podemos então diferenciá-las pelo direcionamento afetivo/sexual a um ou mais de um gênero: Homossexualidade é o direcionamento afetivo/sexual ao mesmo gênero com o qual se identifica. Heterossexualidade é o direcionamento afetivo/sexual a uma pessoa com o gênero oposto. Bissexualidade é o direcionamento afetivo/sexual a dois gêneros. Pansexualidade é o direcionamento afetivo/sexual por todos os gêneros.

Esses temas têm ganhados holofotes das mídias televisivas e impressas devido ao espaço, embora não suficiente, que o movimento LGBT tem conquistado na

sociedade. No entanto, essa excessiva discursividade da mídia em relação ao tema nem sempre tem resultado em uma diminuição dos sintomas de sexismo e homofobia.

“Se a visibilidade de formas alternativas de viver a sexualidade, tematizadas pela mídia impõe certo reconhecimento das causas ligadas às minorias sexuais e de gênero[...], por outro lado também não deixa de acirrar manifestações de grupos mais conservadores” (DINIS, 2008, p. 479).

A disputa entre o grupo LGBT e conservadores tem se intensificado e a LGBT-fobia tem disparado os índices de pesquisas. O cenário da diversidade sexual e identidade de gênero nem sempre é o que aparece nas ‘telinhas’, mascarando uma realidade inegável e grotesca. A compreensão de que essa LGBT-fobia não está restrita apenas aos crimes de homicídios, mas também a violência física e psicológica, abandono e maus tratos o quadro fica mais grave, voltando o olhar crítico por uma pequena parcela da sociedade.

O assunto diversidade sexual e identidade de gênero tem sido palco de debates e pesquisas científicas em várias áreas do conhecimento. Em 2004 o governo federal criou o programa Brasil sem Homofobia em que no artigo V previa como ação “fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade; fomentar equipes multidisciplinares para avaliação de livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual; apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores” (BRASIL, 2004) entre outros aspectos. Entretanto, percebe-se certa dificuldade em encontrar artigos científicos relacionados à formação inicial e continuada e a capacitação de professores para que consigam lidar com o tema de forma clara e objetiva.

Tomando a escola como um espaço de interação social amplo, o aluno que vive sua sexualidade ou expressa o gênero de maneira diferente da qual a maioria considera como ‘natural’, pode sofrer repressões<sup>1</sup> da comunidade escolar que está inserido. Repressão tal que provoca dificuldade na percepção ou na aprendizagem do conteúdo ministrado, baixo rendimento escolar, reprovações até que não frequente mais a escola. Para que isso não ocorra, surge a necessidade da formação do

---

<sup>1</sup>Devido a vivencia diferente da sexualidade dominante, muitos alunos não se sentem confiantes tomados pelo medo de chacotas e da não aceitação por parte tanto dos colegas quanto de alguns professores em expor suas dúvidas e resolver os problemas que são fundamentais para a compreensão e aprendizagem.

professor e de toda equipe fazendo com que esse aluno se sinta amparado, negando qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Com a introdução do tema sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 fica clara a importância de preparar o aluno para sua vivência na sociedade em relação à forma com que expressa sua sexualidade. Mas nesse documento a educação sobre os temas homossexualidade e a transgeneridade não está explícita, onde diz que: “*a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano*” (BRASIL, 1997, p. 1033), o que deixa o documento suscetível à interpretação do professor, fazendo-se necessário um documento que reforce e deixe clara a necessidade da inclusão de temas como homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade identidade de gênero e transgeneridade.

Em relação à apresentação e discussão dessa temática em nível médio de ensino ou na formação de professores, os trabalhos geralmente falam ou indicam que houve melhoras na atitude que teriam na sala de aula no sentido de negar qualquer atitude homofóbica ou transfóbica depois do acesso as informações. Fica claro que a maioria dos professores não teve acesso a discussões sobre esse tema em sua formação inicial. Por outro lado, não há informações nem relatos de como essa minoria que teve contato com esse tipo de discussão foi apresentado ao tema diversidade sexual e identidade de gênero, além de qual a metodologia foi utilizada e se esse método poderia ou não ser repetido.

Logo, fica evidente que não há trabalhos que considerem a discussão dessa temática na formação inicial de professores, principalmente na de professores de química. Os cursos de licenciatura em química não apresentam propostas que trazem discussão sobre sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero

### **Método**

Diferente da pesquisa quantitativa, que procura seguir um esqueleto rígido previamente estabelecido lançando mão de dados estatísticos, a pesquisa qualitativa é norteadada pelo contato do pesquisador com o objeto de pesquisa, seja ele um único ou um grupo social, buscando descrever a vivência e as relações interpessoais, podendo ser dividida em documental, estudo de caso e etnografia.

A pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, que para Godoy (1995) se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa

profundamente. “Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” ou de um grupo social. Reforça ainda, que o principal objetivo deste tipo de pesquisa é analisar detalhadamente uma unidade social, tornando-se principal escolha de pesquisadores que procuram responder perguntas de “como” e “por que” determinado fenômeno acontece, quando o foco são fenômenos naturais que só podem ser analisados inseridos em um contexto.

Segundo (Ventura, 2007) há quatro fases para o delineamento do estudo de caso como metodologia de investigação: A primeira, que consiste no recorte de uma realidade abrangente, buscando casos típicos para suporte da pesquisa; fornecer idéias sobre limites do tema abordado, selecionando casos críticos e extremos; fornecer também idéias que podem sugerir oposições, por meio de casos atípicos. A segunda fase, que consiste na coleta de dados: questionários, análise de documentos, observações. A terceira, que nos reserva à interpretação e seleção dos dados coletados. E por fim, a quarta fase, é a de elaboração de documentos que validam a teoria.

### **Desenvolvimento**

A pesquisa surgiu da necessidade da formação de professores que sejam capazes de lidar com a dinâmica cultural e plural de sexualidade e de gênero que encontramos na rotina das salas de aula. Uma vez que os alunos estão sentindo-se mais corajosos em dizer o que sentem em relação a sua sexualidade cada vez mais cedo. Visando trazer os conceitos intrínsecos a esses temas de maneira direcionada, possibilitando a desmistificação do assunto, os professores tornam-se capazes de entender tal dinâmica, sabendo posicionarem-se frente a preconceitos percebidos durante a aula, piadas de mau gosto, opressões e agressões.

Os dados coletados surgiram por meio de aulas ministradas na disciplina de Didática, oferecida pelo Instituto de Química, da Universidade Federal de Goiás, que atende uma média de 10 alunos por semestre. A duração média da aula é de quatro horas que depende da interação com a turma, ora cumpridas em um único dia, ora em dois dias da semana. As aulas ministradas com tal temática foram realizadas entre 2013 e 2015.

Num primeiro momento, ao professor em formação inicial é apresentado, durante a aula, de maneira expositiva e dialogada, slides, imagens e vídeos explicativos, que se relacionam com os tópicos sobre sexualidade e à identidade de gênero, tais como:

contexto histórico e cultural, movimento LGBT, conceitos básicos, políticas públicas, bullying homotransfóbico, implicações na comunidade escolar etc.

Durante a aula, o professor em formação inicial é livre para relatar vivências pessoais e profissionais relacionadas ao assunto, trazendo um momento de discussão e troca de experiência, sendo orientados em como agir de forma pedagógica para contribuir com um ambiente favorável ao processo de ensino-aprendizado de todos os estudantes. Após a apresentação, o professor em formação inicial foi convidado a redigir um texto, figura 1, orientado por perguntas que podem demonstrar a opinião pessoal e profissional sobre o assunto. O exercício busca saber como o professor agiria antes e depois da aula ministrada, como isso afetaria na sua rotina escolar e como o conhecimento sobre o assunto poderia ajudar no processo de ensino-aprendizado.

*Exercício: A formação do cidadão é muito importante para o fim do preconceito, da opressão e de crimes de ódio contra grupos sociais tidos como minorias, como a comunidade LGBT. Com base nesta afirmação e na aula sobre Identidade Sexual e de Gênero na Formação Inicial de Professores de Química, redija um texto expondo suas ideias e diga o que mudou (se mudou) no seu modo de pensar/agir sobre o assunto estudado, ressaltando a necessidade do tema na formação do professor.*

**Figura 1: Exercício proposto para coleta de dados.**

Perguntas como: “Qual banheiro um(a) aluno(a) transgênero deveria usar?”, “Você acha importante que haja discussões como essa na formação inicial de professores de química? E em relação a outras disciplinas?”, “Como a LGBT-fobia pode afetar no ensino-aprendizagem de um indivíduo que se reconhece como parte da comunidade LGBT?” serviram para direcionar o texto. É importante ressaltar que não houve obrigatoriedade na realização do exercício e nenhuma nota foi atribuída à disciplina pela entrega do texto, deixando o aluno livre para responder com sinceridade às perguntas direcionadas.

Após a análise das respostas obtidas pelos alunos, separamos as respostas nas categorias de análise apresentadas no Quadro 1:

<i>Categoria</i>	<i>O que pretende discutir</i>
<i>Categoria 1 – "Escolha" da Sexualidade e Gênero</i>	<i>Mostrar o quanto ainda que mostrem uma abertura para o assunto, é difícil vencer a forte a ideia de que a sexualidade e o gênero são escolhas feitas em uma determinada fase da vida.</i>
<i>Categoria 2- Preconceito disfarçado de Religião</i>	<i>Marcar o quanto o discurso pode ser preconceituoso, mostrando que a ação docente pode ser diretamente influenciada pela religião em que foi construído socialmente e que esse discurso pode trazer consequências negativas para o aluno.</i>
<i>Categoria 3 – O Comportamento, a escola e a opinião.</i>	<i>Discutir sobre o comportamento do professor frente a situações que podem ser vividas durante sua carreira escolar e a opinião apresentada antes de depois de ser apresentado ao tema, mostrando o a importância desses estudos.</i>

Quadro 1 - Categorias de Análise Obtidas

### **Análise dos Dados:**

A seguir, apresentaremos cada uma das categorias apresentadas no Quadro 1, discutindo-as, tendo em mente que elas não são de fato exclusivas. Características de uma ou de outra, também aparecem entrelaçadas nas respostas e na análise apresentada.

#### **CATEGORIA 1 - "Escolha" da Sexualidade e Gênero.**

Nessas falas, os professores reforçam a ideia de que não seja justa ou correta a discriminação por sexualidade. Grande parte dos alunos, durante a aula, aparentemente quis entender que a sexualidade NÃO é uma questão de escolha, mas isso não aparece nas falas, partes das vezes ainda usam a palavra 'escolha', como mostra a fala de alguns alunos a seguir:

*A1 - "Penso que escolheu, é porque gosta mais disso"*

A2- *“Tem que entender que a escolha por ser homossexual tem haver com sua individualidade. Temos que respeitar todos os gostos”*

A3- *“Em determinado momento da vida a pessoa foi obrigada a escolher entre ser e não ser homossexual.”*

Podemos observar que não há uma clareza de ideias por parte dos licenciandos, evidenciando a necessidade de discussões como esta em diversas etapas da formação. Outro fator parece ser a própria criação em sociedade que faz com que as ideias estejam de alguma maneira, arraigadas no sujeito. Os trabalhos sobre sexualidade mostram-nos que sexualidade não é uma questão de escolha. Guacira Lopes Louro reforça que:

*“a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo [...] o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem [...] assim como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada de possibilidade e instabilidade, multiplicidade e provisoriedade.”*  
(LOURO, 2007, p. 209 – 210)

## **CATEGORIA 2 - Preconceito disfarçado de religião**

Podemos observar nas falas a seguir, que a influência da religião também é muito grande nos alunos da licenciatura. As falas parecem repetir discursos prontos, acabados, dogmáticos e sem reflexão, deixando claro o quanto se fazem necessárias discussões como esta na formação inicial de professores.

A4- *“No ambiente em que freqüento é muito difícil tratar esse assunto, pois as opiniões são bastante diferenciadas e restritas”*

A5- *“Deus ama o homossexual, mas não ama o homossexualISMO”*

A6- *“Eles têm o direito de serem felizes, assim como eu tenho, mas penso que cada um tem que ter seu espaço e delimitação”*

A7- *“Tem que respeitar a moral. Não pode demonstrar no meio da rua. Não falo isso somente para os homossexuais.”*



Uma vez que a atitude do professor reflete no processo de ensino-aprendizagem, o professor não pode deixar-se influenciar por discursos ou dogmas religiosos, uma vez que é garantido por lei, na constituição federal, artigo 19, inciso I que:

*“É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;”* (BRASIL, 1988).

Mesmo assim alguns licenciados mostraram repetir discursos sem caráter científico, fundamentados em especulações religiosas e mostraram ter discurso bastante repetitivo em relação aos discursos influenciados pela mídia conservadora, evidenciando o desserviço que alguns meios de comunicação produzem ao relativizar, culpabilizar e tornar sombrio ou pecado algo que foge ao padrão cis-heterossexual e machista da cultura religiosa.

### **CATEGORIA 3 - O comportamento, a escola e a opinião.**

Aqui, na análise das falas podemos perceber o quanto as opiniões, comportamentos e atitudes dos futuros professores são diferentes. Alguns mostraram total abertura em receber e raciocinar sobre o tema proposto mostrando mudança no pensamento e na postura, outros mostraram já serem favoráveis ao tema e outros mostraram ser resistentes a desconstrução de ideias preconcebidas fundamentadas no preconceito e discriminação.

As falas a seguir mostram um desconforto em receber pessoas que sejam diferentes da normatividade, tirando o professor da sua zona de conforto, confrontando com uma realidade diferente da dele e que não parece estar disposto a perceber essa nova realidade.

*A8- “Banheiro masculino na escola deve ser utilizado só por quem tem pênis. Feminino por quem tem vagina. Imagina eu entrar no banheiro feminino e dar de frente com UM travesti.”*

*A9- “Acho complicado demais. É sexualidade demais, gênero demais. Coisas demais para um professor de química”*

*A10- “Desde que não seja na minha aula, eu não me importo”*

Tais atitudes e falas mostram que há, por parte dos futuros professores, grande resistência ao assunto, tal desinteresse pode levar a serias conseqüências na vida escolar de um aluno LGBT. Ao negar promover um ambiente saudável pro aprendizado, professores podem contribuir para o baixo desempenho na carreira estudantil, aumento da marginalidade e exclusão social.

Um ambiente escolar que não vise à inclusão social, não só no espaço acadêmico, mas também no processo de ensino-aprendizagem pode fazer com que o aluno que esteja submetido a sistemas de opressão não consiga se comunicar de forma adequada e conseqüentemente não se sentem seguros ao solucionar suas dúvidas, deixando-os ainda mais afastado da comunidade escolar. Esse processo leva ao fracasso escolar e por fim o abandono da escola, fato que aumenta a marginalidade, deixando o sujeito ainda mais suscetível a preconceitos.

Outros professores em formação inicial se mostraram já empáticos ao tema, sugerindo que proporcionariam um ambiente escolar melhor e mais adequado ao ensino-aprendizagem quando deparados com situações de ódio, bullying e preconceito, como podemos interpretar pelas falas a seguir:

*A11- “Não sei, acharia normal. Afinal, se sente mulher, deve ser mulher.”*

*A12- “Acho justo toda forma de amor”*

*A13- “Cara. Deixa os caras e as caras se pegarem. Melhor todo mundo se pegando do que essa roubalheira no país, né não?”*

Houve casos em que a introdução do tema na formação desses professores provocou uma mudança significativa no modo de agir e pensar do licenciando, as falas mostram que esse tipo de debate pode funcionar para a promoção de um ambiente escolar favorável e de integração do sujeito na sociedade, contribuindo para o fim do preconceito.

*A14- “Agora, com essa aula, tenho que mudar a forma de pensar”*

*A15- “Ué. Achava uma coisa completamente diferente. Não achava que era normal. A gente tem muito que aprender... sempre.”*

*A16- “Agora entendo o que se passou com um amigo, de ensino fundamental...”*

*A17- “Pensa no que se passa na cabeça de quem passa por isso a vida inteira? Função do professor mesmo desmistificar isso”*

Casos em que esses professores têm certa noção do papel social que o professor tem na sociedade, além de mediador do conhecimento científico, também

ajudam a reforçar a idéia de que a sexualidade e identidade de gênero são temas necessários na formação do professor em qualquer área do conhecimento, a fim de minimizar os impactos de uma sociedade machista e opressora na vida de um aluno LGBT, comprovadas pelas falas a seguir:

*A18- “o conhecimento não visa orientação sexual, nem raça, cor, situação social, mas sim o crescimento intelectual para tornar nossos alunos pessoas de bem”*

*A19- “é necessário em todas as disciplinas, porque todos os professores devem instruir seus alunos para a construção de uma sociedade melhor”*

### **Conclusão:**

Esse trabalho leva-nos a refletir e criticar sobre a falta de informação e capacitação de professores já inseridos no mercado de trabalho e aqueles em formação inicial, pois muito dos licenciandos, após o contato com o tema proposto conseguiu entender a relação entre sexualidade e gênero e pode desvendar sua ação docente, tornando-os preparados para possíveis situações que ele possa se deparar em uma rotina de uma sala de aula multicultural e diversificada como a que estamos inseridos.

A ação docente mostra-se bastante necessária no combate ao preconceito e na melhoria do ambiente escolar, pois é ele quem deve propiciar um ambiente socialmente favorável ao processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que o professor é papel fundamental nesse processo de integração social, fica evidente que a falta de informação e a mistificação do tema, por ser tratado como tabu ou anomalia religiosa é extremamente danosa à comunidade escolar além de evidenciar a necessidade de formação específica para lidar com as diversidades sociais que estão cada vez mais freqüentes na sala de aula.

Com isso, mostramos a importância da introdução dos temas de identidade de gênero e sexualidade na formação inicial de professores, mostrando que por conhecer o tema o professor conseguiu entender como pode evitar o bullying LGBTfóbico, a fim de minimizar impactos sociais causados pelo despreparo do corpo docente, o que pode evitar prejuízos ao aluno(a) lésbica-gay-bissexual-transgênero deixando-o mais inserido socialmente, o que leva ao melhor desempenho nas atividades acadêmicas, contribuindo para o conhecimento escolar do aluno, evitando fracasso e evasão, além da desconstrução da sua própria fobia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY M. & SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília, Unesco, 2004.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.

DINIZ, N.F. **Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

GODOY, A. S.; **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. 1995.

JESUS, J. G. De. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos**. 2 ed. Brasília, 2012.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação: das Afinidades Políticas às Tensões Teórico- Metodológicas**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p 209, 2007.

VENTURA, M.M.; **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Rev SOCERJ, p. 383-386, 2007.